

ORALIDADE E GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO (LD) DO 7º ANO

Natalia Penitente Andrade¹*

Resumo: Objetiva-se analisar se a oralidade e a gramática normativa são desenvolvidas no livro didático do 7º ano, visando à competência discursiva do aluno; como específico, verificar se há uma diversidade de gêneros orais no LD. Utilizamos como referencial teórico, Marcuschi (2008), PCNs (1998), Antunes (2003), Travaglia (2001), entre outros. A metodologia é qualitativa e quantitativa. Constatou-se que a oralidade é explorada. Os aspectos gramaticais são contextualizados, colaborando com a reflexão crítica do aluno, contemplando, nos capítulos, situações formais e informais da língua. Dessa forma, as atividades, frequentemente, perpassam pela leitura, interpretação, produção textual, propiciando uma aprendizagem significativa para o aluno.

Palavras-chave: livro didático; ensino; gêneros orais; gramática; língua portuguesa.

Abstract: The present study analyzes if orality and normative grammar have been developed in 7th grade textbook using textual genres as its way to improve the discursive ability of students. To reach this point, the theoretical reference is: Marcuschi (2008), Geraldi (2011), PCN's (1998), Antunes (2003), Travaglia (2001) and others. The methodology used was qualitative and quantitati-

1 * Discente do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade Estadual da Bahia – Campus X – Teixeira de Freitas. Pesquisa relacionada à Iniciação Científica, orientada pela Prof^ª. Me. Aline Maria dos Santos Pereira e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail: nataliapenitente@hotmail.com

ve. It could be noted that orality is developed; grammatical aspects are contextualized, thus helping with the student critical thinking and having formal and informal language situations in chapters; thereby, the activities usually are reading, interpretation and writing that provide to the student an important education.

Keywords: text book; teaching; oral styles; grammar; portuguese language.

1. Introdução

Desde o início dos anos noventa, houve um número significativo de estudos sobre o livro didático de Língua Portuguesa, que permanece como um dos materiais básicos na organização pedagógica e, por isso, é fundamental que continue a ser descrito, debatido, avaliado no esforço coletivo de ampliar sua qualidade (MARCUSCHI, 2008).

Dentro da perspectiva do trabalho com gêneros orais e com a gramática normativa, deve-se estabelecer uma prática constante de escuta de textos orais, leitura de textos escritos, de produção de textos orais e escritos. Isso permitirá, por meio de análises e reflexões sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e a construção de instrumentos que progressivamente ampliam a competência discursiva do aluno; bem como abordar os conceitos da gramática e contextualizá-la, partindo do gênero textual para a definição, porque viabiliza uma compreensão acerca dos aspectos da língua. A partir dessas afirmações, é notória a importância de conter tais recursos nos manuais didáticos, pois possibilitará o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Ante o exposto, o objetivo geral deste trabalho é analisar se a oralidade e a gramática normativa são desenvolvidas no livro didático do 7º ano, Coleção Teláris,

de forma integrada com a leitura, interpretação, produção textual e análise linguística, a partir dos gêneros textuais, visando a competência discursiva do aluno. Assim, a presente pesquisa faz parte de um subprojeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Como objetivos específicos, verificar se há uma diversidade de gêneros orais no livro didático e se as atividades contemplam situações formais e informais de uso; ressaltar a relevância do trabalho com a diversidade de gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa; e, por fim, propiciar discussões e reflexões sobre a importância da escolha do manual didático. O livro analisado foi o do 7º ano, da Coleção Teláris, elaborado pelas autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, 1ª edição de São Paulo, editora Ática, 2012; coleção utilizada pelas escolas públicas municipais de Teixeira de Freitas. Para tanto, utilizamos como referencial teórico: Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Marcuschi (2008), Geraldi (2011), Antunes (2003), Travaglia (2001), Lopes-Rossi (2006), Bazerman (2005), entre outros.

A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e quantitativo. Primeiramente, realizamos leitura de referencial teórico; posteriormente, análises quantitativas, enumerando os gêneros textuais para observar a diversidade no livro didático; na sequência, realizamos a análise qualitativa, na qual descrevemos as atividades e analisamos se elas contemplam a leitura, interpretação, produção de texto e análise linguística de forma articulada.

Esperamos que a pesquisa auxilie na reflexão sobre os livros didáticos para o desempenho linguístico dos alunos nas escolas e contribua para a formação dos discentes de Letras e futuros leitores desta pesquisa.

2. Referencial teórico

2.1. Importância do livro didático: trajetória e perspectiva de ensino

O Fundo Nacional de Educação (FNDE, 1968) descreve a trajetória e apresentação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); historicamente, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) tem 80 anos de existência, desde 1929. No decorrer, teve diferentes nomes e formas, é voltado para educação básica com exceção da educação infantil; é o mais antigo programa de livro didático. O *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)*, compra e distribui livros didáticos para o Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, ocorre um processo, sendo: adesão, editais, inscrições dos editais, avaliação, guia do livro, escolha, pedido, aquisição, produção, análise de qualidade física, distribuição e recebimento. Além disso, os livros são feitos para serem utilizados por três anos e, dessa forma, beneficiarem mais de um aluno. O aluno tem direito a um exemplar das disciplinas sendo tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio. Fora criado o Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica (SISCORT) com o objetivo de registrar e controlar o remanejamento de livros e a distribuição da Reserva Técnica, no âmbito do PNLD.

Diante das políticas envolvidas no desenvolvimento e aquisição, deve-se mencionar e ressaltar a importância do livro didático enquanto suporte metodológico para os professores. Assim, o livro didático, de acordo com Beth Marcuschi (2007, p. 238), “ocupa um lugar significativo, é fundamental que continue a ser descrito, debatido, avaliado no esforço coletivo de ampliar sua qualidade”. A autora destaca também que a qualidade do livro didático está

relacionada com as práticas pedagógicas do professor para com os alunos, e deve oferecer subsídios e alternativas produtivas ao trabalho escolar.

O livro didático é um material instrumentalizado com a finalidade de auxiliar, guiar e facilitar a prática; em sala de aula, é condutor de ideologia nacional e sua função é abarcar textos literários, diversidade de gêneros textuais, trajetória da literatura e pensamentos humanos, também informar sobre um equívoco provocado pela sociedade, que é o preconceito linguístico. Deve-se ensinar a língua portuguesa e suas variações, reflexões sobre o que é língua e o que é gramática. Dessa forma, quando o aluno conhece questões linguísticas e discursivas, amplia sua competência discursiva, e criam-se contextos efetivos de uso da linguagem.

Portanto, ao estabelecer uma prática constante de escuta de textos orais, leitura de textos escritos, de produção de textos orais e escritos, permitindo assim, por meio de análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e a construção de instrumentos, a ampliação da competência discursiva do aluno. Dentro dessas afirmações, é notória a importância de conter tais recursos nos livros didáticos.

Beth Marcuschi (2007) reitera, na mesma perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que, quando se ensina o aluno a pensar sobre a própria linguagem, ele realiza uma atividade de natureza reflexiva, contribuindo, progressivamente, para a ampliação da competência discursiva. Outra afirmação pertinente é que, ao admitirmos que a educação é um direito fundamental e que a escola desempenha um papel essencial na formação para a cidadania, conclui-se que o acesso às práticas de letramento deve estar no foco do trabalho em sala de aula.

A autora defende que o Livro Didático de Língua Portuguesa

(LDLP) deve estar em sintonia com as aspirações da sociedade, em termos da formação básica com qualidade social para as crianças e os jovens brasileiros, em uma perspectiva sociointeracionista, em que o conhecimento é compreendido e apreendido como construção histórico-social.

Diante do exposto, Marcuschi (2007) realizou um trabalho pertinente com os livros didáticos para pensarmos nos aspectos de avaliação do material e comparações de coleções. A autora desenvolve uma análise de duas coleções dos livros didáticos, salientando os aspectos positivos e negativos. De forma descritiva, ela faz uma menção a como são contempladas as propostas de escrita; abordagem ao gênero, as condições de produção de texto, revisão e reelaboração. Posteriormente, de forma crítica, destaca a sua opinião.

A autora destaca aspectos que convergem e divergem nas coleções analisadas, definindo como coleção A e B (não mencionando o nome da coleção e editora). Assim sendo, as coleções assumem como perspectiva de trabalho com aspectos convergentes: as dimensões discursivas, social e interativa da língua e desenvolvem atividades pertinentes e de qualidade no que tange a produção textual. Enquanto aspectos que divergem entre as coleções são: a temporalidade textual e a explicitação do gênero a ser produzido. A coleção A apresenta um conjunto de texto e indica o gênero; a coleção B não desenvolve projetos de forma sistemática e deixa de mencionar os gêneros textuais.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2007) destaca aspectos positivos e negativos dos livros didáticos são eles: 1. O crescente estudo nos anos noventa tratou de questões relativas ao livro didático, de forma ampla e no livro de língua portuguesa; 2. A importância dos estudos no livro didático de língua portuguesa, pois é uma ferramenta do professor em sala de aula. Em contrapartida, a autora

destaca um aspecto negativo diante de suas avaliações e análises, que é: 1. Os temas repetitivos de produção de escrita, levando o aluno a elaborar redações que se configuram como mero exercício de escrita, ou seja, com características endógenas (produção textual sem circulação, apenas o professor faz a leitura e corrige).

2.2. Textos orais e reflexões gramaticais: perspectivas de ensino

Os PCNs (1998), sob o viés de textos orais, propõem formas de se trabalhar em sala de aula com os gêneros orais, sendo que uma rica interação a partir de diálogos dos alunos entre si e entre os professores é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação de sentidos e avaliação dos processos envolvidos. Portanto, destacam que cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e na realização de apresentações públicas, como: entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais. Faz-se necessário, portanto, propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato.

Dentro dessa perspectiva do trabalho com a oralidade, os PCNs (1998) reiteram que, deve-se ensinar aos alunos a produzir textos orais, pois contribuirá, sobretudo, para organizar situações que possibilitem o desenvolvimento de procedimentos de preparação prévia e monitoramento simultâneo da fala. Dessa forma, são destacadas algumas possibilidades de preparação para o ensino, entre elas: partir das capacidades comunicativas do aluno; oferecer um *corpus* de textos organizados nos gêneros previstos; propor atividades e deixar claro o parâmetro de situação de comunicação. Assim, a partir dessas possibilidades mencionadas pelos PCNs (1998), significa ensinar os procedimentos que possam ancorar a fala e a

situação de comunicação.

Dentro da perspectiva da oralidade no ensino e sua abordagem nos manuais didáticos, Marcuschi (2001) descreve uma análise de como é posta a língua oral nos livros didáticos: em muitos casos confundem-se gírias com dialetos e regionalismo; a língua falada parece ser tratada como uma questão lexical; os exercícios com a linguagem coloquial em sua relação com a linguagem culta; a língua falada não é sistemática, mas pontual e a propósito de elementos não centrais; privilegiam as atividades de oralização, entre outros.

Conforme exposto, Marcuschi (2001, p. 25) destaca um exemplo pertinente do trabalho com a oralidade, que contribui com a formação cultural e com a preservação de tradições não escritas. Como exemplo são os contos populares ainda tão vivos em nossos povos, não só no interior, mas também em áreas urbanas. Também, dedicar-se ao estudo da fala é uma oportunidade de esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação. O autor supracitado destaca “que o sentido da língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos linguísticos na vida diária, deixando claro que a escola precisa livrar-se de alguns mitos”.

Sob o viés da reflexão gramatical, os PCNs (1998) definem que não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem, destacando que não se deve trabalhar a gramática de forma descontextualizada, pois, bem como uma prática pedagógica, vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação. Torna-se necessário fazer análises da forma de ensinar e deve-se priorizar a função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

Possenti (1996), nessa mesma direção sobre aspectos gramati-

cais, explana que para se trabalhar gramática deve-se entender o conceito. Entende-se, primeiramente, que gramática é um “conjunto de regras”, abordando três perspectivas: conjunto de regras que devem ser seguidas, caracterizado por gramática normativa; conjunto de regras que são seguidas, a gramática descritiva; conjunto de regras que o falante da língua domina, ou gramática internalizada. As duas primeiras maneiras dizem respeito ao comportamento oral ou escrito dos membros de uma comunidade. A terceira maneira de definir a expressão refere-se a hipóteses sobre aspectos da realidade mental dos mesmos falantes.

Nessa linha de pensamento, acerca da gramática normativa, Soares (2007) aborda pontos fundamentais na questão no ensino. Para o autor, os manuais de gramática normativa contêm normas de bom uso da língua para falar e escrever bem, porém, criam-se preconceitos de toda a espécie por se basear em parâmetros muitas vezes equivocados, como: purismo, classe social de privilégio (econômico, cultural, político) e autoridade (gramática, bons escritores), lógica e história (tradição).

Ainda, Soares (2007) afirma que é necessário ensinar a gramática normativa, pois desenvolve a competência comunicativa do aluno de forma que ele seja capaz de utilizá-la adequadamente em determinados contextos a língua. Saber a língua em sua variedade é muito importante para o indivíduo.

3. Análise de dados

3.1. Análise do livro didático do 7º ano – Projeto Teláris – I Unidade – Poema.

Considera-se pertinente a presença dos gêneros, pois são instrumentos cuja apropriação leva o sujeito a desenvolver competência

discursiva e ações nas situações de uso sociais. Os gêneros orais presentes no capítulo I do livro didático do 7º são: relato de experiência de vida, discussão, peça teatral, dramatização, letra de música, filme, notícia, debate, seminário, propaganda, piada, anedota, caso.

O primeiro capítulo do livro didático do 7º ano aborda poema como gênero central, pois o livro seleciona um gênero por capítulo com o objetivo de ensinar o aluno a compreender, bem como a desenvolver atividades, reflexões e produção textual. O capítulo introduz explicando o que é poema e fazendo com que o aluno reflita sobre a distinção de poesia e poema, perguntando, por exemplo, se já ouviram a expressão “a poesia está no ar, o que isso significa?” (Coleção Teláris, 2012, p. 20). Nota-se, a partir da introdução do capítulo, que há diálogo com os alunos, não apenas explicações conceituais e desfocadas do cotidiano. Ainda são abordadas três pinturas, a primeira de Aldemir Martins, acrílico sobre tela; a segunda de Oscar-Claude Monet, *Le Bateau Atelier*; a terceira de Vincent Van Gogh, *Le Moulin de la Galette*.



3.1.1. Figura 1: Introdução do capítulo

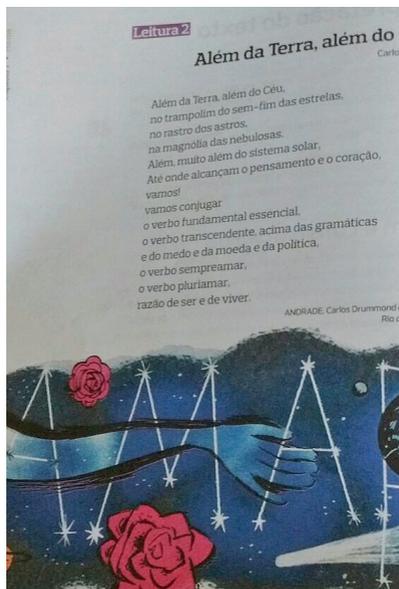
A partir das pinturas é posta a reflexão “O que essas pinturas despertam em você: Indiferença, alegria, saudade, lembranças?” (Coleção Teláris, 2012, p. 21), bem como reflexão com aspectos

comparativos, “Qual das pinturas você diria que tem mais poesia” (p.21). Outra perspectiva abordada é a diferença da linguagem verbal e não-verbal. Diante disso, parte do diálogo, indagando sobre o conhecimento internalizado dos alunos bem como a opinião dos mesmos, posteriormente, o livro didático aborda os conceitos de poesia e poema e destaca um que descreva sobre o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Lembrete”, para ser oralizado.

Dentro da perspectiva de como é abordada a oralidade, o livro didático destaca, no tópico “Linguagem e construção do texto”, a distinção de gêneros literários e gêneros não literários para explicar a diferença da linguagem, os recursos utilizados, intenção de cada texto, e que, para a construção do texto, deve-se levar em consideração a escolha da linguagem (objetiva e subjetiva), que se constitui basicamente de: intenção, público, situação e contexto (p. 29); utiliza para exemplificar um texto jornalístico no Jornal do Brasil – “Pessoas e urubus disputam restos” – e o poema de Cruz e Souza “Violões que choram”.

A partir disso, o livro ressalta a distinção de linguagem literária e não literária e onde é mais comum e permitida cada uma; por exemplo, os recursos da linguagem como rimas, figuras de linguagem são permitidos em textos não literários. A abordagem das distinções supracitadas faz com que o aluno perceba a variedade da língua, as situações de uso e recursos, bem como a diversidade dos gêneros literários e não literários e que para cada gênero é utilizada uma linguagem, notando que existe uma variação na linguística, que não se trata de uma língua uniforme. Observemos a imagem a seguir:

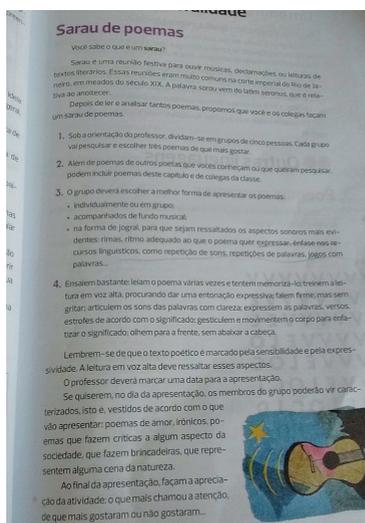
3.1.2. Figura 2: Leitura do gênero poema



A partir da imagem, dentro da perspectiva do trabalho com a oralidade, nota-se que o poema de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”, distingue a diferença da linguagem formal e informal e ressalta as situações de utilização da língua. Utilizando o exemplo do verbo com o sentido de haver, de existir – que é comum na fala informal do dia a dia, mas não seria recomendado utilizar em outros textos –, bem como o exemplo da repetição dos termos como é visto no poema de Carlos Drummond “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho” (Coleção Teláris, 2012, p. 31) para evidenciar que no texto literário a repetição é considerada uma forma de enfatizar a ideia, dar so-

noridade, de sensibilizar e produzir emoções, porém, no texto não literário não é adequada a utilização.

Nesse contexto, o LD delimita um tópico “Prática com a oralidade” com a proposta de um sarau de poemas. A princípio, antes do desenvolvimento da atividade, o livro destaca o que é um sarau, apresentando que se organiza com músicas, declamações e leitura de textos literários; bem como, ressalta o surgimento e a origem da palavra.



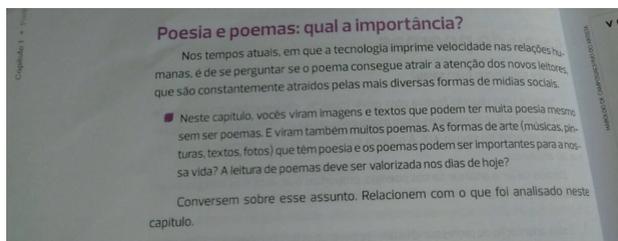
3.1.3. Figura 3: Atividade com o gênero oral

Após a leitura de poemas, no decorrer do capítulo, e do conhecimento do gênero, sob a orientação do professor, tem-se a organização de um sarau: divisão dos grupos, escolha dos poemas

(poemas lidos no capítulo ou buscar outros autores); acompanhados de musicalidade e enfatizando o uso dos recursos linguísticos, como: repetição de sons, palavras, jogos de palavras. O LD sugere também que pode se caracterizar de acordo com o sentido do poema: poemas de amor, irônicos, aspectos da sociedade. E, por fim, uma avaliação do que chamou mais a atenção e se ficou clara a situação de comunicação da língua.

Diante da atividade proposta, nota-se a importância da sua contribuição para a leitura dos poemas em voz alta, o conhecimento da diversidade dos gêneros e a sua aplicabilidade; a forma da linguagem, conhecendo os recursos: articulação dos sons, palavras com clareza, entonação expressiva e gesticulação corporal; desenvolverá também a competência linguística que é a capacidade do indivíduo de produzir e compreender textos e adequar as suas produções.

Nessa mesma direção, o LD menciona “Um bom debate” e, sob o viés do gênero central do capítulo, é proposta uma discussão em grupo sobre a “importância da poesia e poema nos tempos atuais e de que forma a arte (música, pintura, texto e fotos) pode ser importante em nossa vida?” (Coleção Teláris, 2012, p. 34).



3.1.4 Figura 4: Atividade com o gênero oral

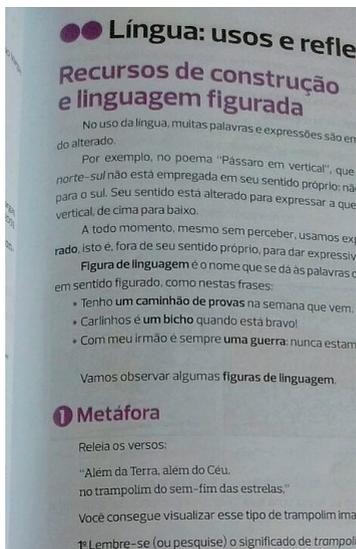
O debate contribui para a articulação da linguagem oral dos alunos, podendo, assim, explicar a eles que o debate, por se caracterizar como um gênero oral, deve ser também elaborado como o escrito, as ideias devem ser organizadas para um melhor posicionamento e desenvolvimento da criticidade, corroborando, assim, com a construção da própria opinião.

Nessa linha de pensamento, o LD destaca, em “Outro texto do mesmo gênero”, o gênero cordel, salientando um dos mais famosos representantes, que é Patativa do Assaré – “A realidade da vida”, sendo proposta a leitura em voz alta, pois preserva o caráter musical do poema, solicita também que seja lido com expressividade, realçando com a voz os recursos sonoros.

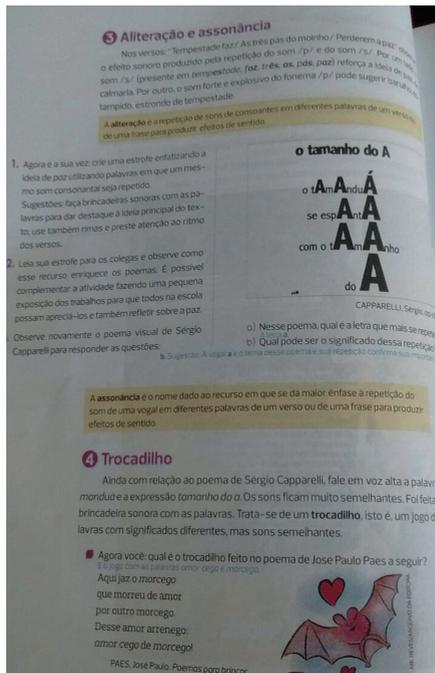
Ante o exposto, observa-se que o trabalho com a oralidade é abordado, pois há sempre tópicos específicos: “Prática com a oralidade”; “Um bom debate”; “Usos e reflexões”; que exploram o trabalho com a modalidade, bem como apresenta um trabalho integrado com a leitura, escrita, interpretação e com a definição do gênero, sendo que desde o início é centrado no gênero poema (mesmo que aborde outros gêneros textuais) e explica sob várias perspectivas. Tem-se, portanto, reflexões sobre o uso da língua e não apenas apresentação de conceitos e aplicabilidade.

Nesse capítulo, em relação à gramática, são abordados em “Língua: usos e reflexões” recursos de construção e linguagem figurada. Os recursos explanados são: metáfora, personificação, aliteração, trocadilho. Observe a imagem a seguir:

3.1.5 Figura 5: Abordagem dos elementos gramaticais



Nota-se que a imagem parte do gênero poema, não abordando fenômenos gramaticais descontextualizados, bem como a atividade leva o aluno a refletir, pois não são feitas perguntas apenas com a função de repetir o que está no texto, mas sim indaga sobre o que quer dizer a presença da metáfora no texto. Observe a figura abaixo de outra atividade analisada sob a perspectiva do trabalho com a gramática.



3.1.6 Figura 6: Elemento gramatical

A abordagem é sobre aliteração e assonância. Antes, a atividade apresenta uma explicação sobre o assunto, abordando primeiramente um verso para explicar; posteriormente, a definição. A atividade solicita uma produção a partir dos conhecimentos prévios da figura de linguagem, bem como fazer uma exposição das produções para a escola com o objetivo de refletir sobre o tema, que é a paz. A questão 2 da atividade, pergunta, a partir do poema visual de Sérgio Capparelli, qual a consoante que se repete e qual o significado dela

no texto. Assim, ao perguntar o significado, produzir o gênero e expor, contribui para a reflexão do aluno bem como demonstra a função do conteúdo não sendo algo preso à sala de aula e demonstra as situações de uso da língua.

Neste capítulo, a abordagem do recurso da língua é posta de forma contextualizada, pois tem-se uma diversidade de gêneros textuais tais como: poema, poema visual, imagens, fotografias, tira, letra de música, fazendo com que o conteúdo não seja explanado de forma fragmentada e descontextualizada. Ainda se trabalha a reflexão do aluno a partir dos recursos, pois são abordadas perguntas como “qual significado?”; “o que quer dizer?”; “quais ideias podem ser alcançadas?”; “que relação pode estabelecer?”. Tais perguntas fazem com que o aluno reflita na atividade e não apenas copie respostas prontas do texto analisado.

4. Conclusão

Foram através de leitura do referencial teórico e análise quantitativa e qualitativa do livro didático do 7º ano do ensino fundamental II que se alcançaram os resultados da pesquisa. Em relação à análise, primeiramente, realizamos a contagem dos gêneros textuais e, posteriormente, de forma descritiva, analisamos a qualidade das atividades no livro para verificar se contempla de forma integrada o ensino de língua portuguesa. Quanto à diversidade de gêneros orais presentes nos livros didáticos do 7º ano são apresentados no total: relato de experiência de vida, discussão, peça teatral, dramatização, letra de música, filme, notícia, debate, seminário, propaganda, piada, anedota, caso.

Ante o exposto, vale ressaltar que há mais gêneros escritos do que orais²; e a abordagem dos gêneros orais apresenta os mesmos

2 Constatou-se a afirmação a partir da análise da presença dos

tópicos em todos os capítulos; o capítulo analisado aborda as situações formais e informais da língua, evidenciando as variações linguísticas e, a cada capítulo, o livro seleciona um em específico para desenvolver leitura, interpretação, produção de texto e análise linguística dos alunos.

Tendo como pressuposto que os livros didáticos devem trabalhar com a oralidade, verificamos que a modalidade é abordada e explorada, pois tem sempre tópicos específicos para trabalhar com as habilidades da língua oral, sendo: “Prática com a oralidade”, “Um bom debate”; “Usos e reflexões”. E, no trabalho com a gramática, as explicações partem do gênero textual, contextualiza as atividades com o texto, partindo da leitura e escrita, sendo que aborda, em algumas atividades, a função social. Ainda notamos que o livro analisado apresenta um ensino gramatical reiterando a distinção da linguagem formal e informal e de características coloquiais da língua; bem como uma forma linear da abordagem gramatical, pois tem-se a definição, classificação e exercitação, abordando perguntas, comparações, situações.

Dessa maneira, o livro didático desenvolve de forma sequencial, integrada, o trabalho com a leitura, interpretação, produção de texto e análise linguística, contribuindo, assim, para a competência discursiva dos alunos, visto que é um dos objetivos propostos pelos PCNs (1998).

Observamos a importância de analisar o livro didático, considerando que ele é uma ferramenta muito utilizada em sala de aula, dessa forma, seu processo de análise e escolha pelas unidades escolares deve ser pautado em uma análise crítica. O conhecimento da diversidade de gêneros textuais – constatada no livro analisado – por sua vez, contribui para o desenvolvimento da criticidade, gêneros escritos e orais no livro didático do 6º ao 9º ano, mas o objetivo da pesquisa era mencionar apenas a quantidade dos gêneros orais.

como também, o indivíduo pode adquirir a capacidade de utilizar o gênero adequado ao contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2.ed. São Paulo:

Cortez, 2005.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teóricos metodológicos. In: *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de

Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça Costa Val. MARCUSCHI, Beth. *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte:CEALE/Autêntica, 2005.

BARGOTTO, Ana Maria Trinconi. *Projeto Teláris: Português*. Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. – 1. Ed. – São Paulo: Ática, 2012. (Projeto Teláris: Português)

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

Lopes-Rossi (2006)

LOPES-ROSSI, M. A. G. *Procedimentos para estudo de gêneros discursivos*. Intercâmbio, São Paulo, v. 15, 2006. Disponível em < www.pucsp.br/pos/lael/intercambio.>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: Gêneros textuais e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco “Falada”. In _____ (Org.). Angela Paiva Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. *O livro didático de Português: Múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna 2005. P. 21 – 33. _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1998.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2001.